

Siv-Solo derruba 20 barracos

Moradores ocupavam área de risco, mas ameaçam voltar para o local

DANIELLY VIANA

Funcionários do Serviço Integrado de Vigilância do Solo (Siv-Solo) realizaram ontem pela manhã, mais uma operação de desocupação em área pública. Foram retirados 20 barracos de uma invasão localizada em uma área atrás da Concessionária Smaff, Pistão Sul. O local é considerado de risco por ocupar uma rede de alta tensão interligada a Furnas. As famílias desalojadas trabalhavam como catadores de materiais recicláveis e não aceitaram ir para o albergue de Taguatinga ou receber passagens do Centro de Desenvolvimento Social (CDS) para voltar para suas cidades de origem. A ação foi realizada sem resistência.

Segundo o capitão do Siv-Solo, Carlos Leite, há pelo menos cinco anos o órgão faz a remoção dessas famílias no local, mas elas sempre voltam a levantar seus barracos. "Por mais que eles queiram, não podem ficar aqui



Entre os barracos retirados, havia uma escola improvisada que alfabetizava 30 pessoas

por ser um local de risco. Boa parte deles são do Entorno e vêm para cá trabalhar como catadores. Aqui eles estão vivendo precariamente e não há condições de higiene", explicou. Segundo o capitão, 90 homens de diversos órgãos do Governo do Distrito Federal participaram da ação. "Disponibilizamos caminhões para levar os pertences dos invasores para onde eles quiserem. Além disso, liberamos para que eles levem os papéis que recolheram

porque é disso que sobrevivem", disse.

Sirgilene Fernandes da Silva, 35 anos, tem quatro filhos e está grávida de nove meses. Decepcionada, ficou sentada em um banco olhando o seu barraco ser desmontado. "Não posso fazer nada. Levaram as lonas e as tábuas. Não tenho para onde ir e vou voltar a montar o meu barraco", lamentou. Ela é natural de Patos, interior da Paraíba, e veio para a capital federal com o objeti-

vo de melhorar de vida. "Já passei muita fome lá no Nordeste, enquanto aqui, pelo menos comida e roupa eu ganho", desabafou.

Escola

O primeiro barraco a ser derrubado foi uma escolinha improvisada. Mônica dos Santos da Silva, 20 anos, segurava o quadro enquanto os agentes do Siv-solo desmontavam a instalação. "Não sinto raiva, mas sinto mágoa. Você não sabe o trabalho que

foi trazer essas telhas para colocar na escolinha. Vivemos assim porque não temos para onde ir", disse, com o olhar baixo. Segundo ela, cerca de 30 analfabetos que moravam no local assistiam às aulas dadas por duas voluntárias. "A escola tem pouco mais de dois anos. Também tínhamos aula de Religião aos domingos. Já as crianças, estudam em uma escola perto daqui. Nós vamos voltar a montar os barracos aqui", garantiu. De acordo com Mônica, as famílias que estavam morando no local recolhem material para reciclagem e estão se organizando para montar uma cooperativa.

A agente social do CDS, Ana Soares, tentou fazer o cadastramento dos catadores que quisessem ir para o albergue, mas não teve sucesso. Os invasores reclamavam que no abrigo tem muitos usuários de drogas, falta de cama e cobertores. "Tenho medo de ficar lá", contou Mônica. Além disso, a agente social informou que os invasores também se recusam a voltar para a terra natal. "Ninguém quer ir. Eles alegam que estão aqui há um bom tempo, as crianças estudam aqui próximo e não voltam para a cidade de origem porque sofriam muito", disse.

UESLEY MARCELINO